

Ajuda Mútua: Um Ensaio

Errico Malatesta

1909

Como é um fato que o homem é um animal social cuja existência depende das relações físicas e espirituais continuadas entre os seres humanos, essas relações devem ser baseadas ou em afinidade, solidariedade e amor, ou em hostilidade e luta. Se cada indivíduo pensa apenas em seu bem-estar, ou talvez em seu pequeno grupo consanguinário^[1] ou territorial, ele obviamente se encontrará em conflito com outros e emergirá como vencedor ou vencido; como o opressor se ele ganha, como o oprimido se ele perde. A Harmonia natural, o casamento natural do bem de cada um com o de todos, é a invenção da preguiça humana, que, em vez de lutar para alcançar o que quer, pressupõe que ela será alcançada espontaneamente, pela lei natural. Na realidade, no entanto, o homem natural está em um estado de conflito contínuo com seus companheiros em sua busca pelo melhor e mais saudável local, a terra mais fértil e, com o tempo, a explorar as muitas e variadas oportunidades que a vida social cria para alguns ou para os outros. Por essa razão, a história humana está cheia de violência, guerras, carnificina (além da implacável exploração do trabalho dos outros) e inúmeras tiranias e escravidão.

Se no espírito humano existisse apenas este instinto duro de querer predominar e lucrar à custa dos outros, a humanidade teria permanecido em seu estado bárbaro e o desenvolvimento da ordem como registrado na história, ou em nossos tempos, não teria sido possível. Esta ordem, mesmo no seu pior, representa sempre uma espécie de temperamento do espírito tirânico com um mínimo de solidariedade social, indispensável para uma vida mais civilizada e progressista.

Mas felizmente existe no Homem outro sentimento que o aproxima do próximo, o sentimento de simpatia, de tolerância, de amor e, graças a isso, a humanidade se tornou mais civilizada, e a partir daí cresceu a nossa ideia que visa tornar a sociedade um verdadeiro encontro de irmãos e amigos, todos trabalhando para o bem comum.

Como surgiu o sentimento expresso pelos chamados preceitos morais e que, à medida que se desenvolve, nega a moralidade existente e substitui uma moral mais elevada, é um assunto de pesquisa que pode interessar filósofos e sociólogos, mas não diminui o fato de que existe, independentemente das explicações que podem ser avançadas. Não é importante que possa derivar do fato primitivo e fisiológico do ato sexual para perpetuar a espécie humana; ou a satisfação derivada da companhia dos semelhantes; ou as vantagens a serem derivadas da união na luta contra o inimigo comum e na revolta contra o tirano comum; ou do desejo de lazer, paz e segurança que até os vencedores sentem necessidade; ou talvez por essas e outras centenas de razões combinadas. Ela existe e é no seu desenvolvimento e crescimento que baseamos nossas esperanças no futuro da humanidade.

“A vontade de Deus”, “leis naturais”, “leis morais”, o “imperativo categórico” dos kantianos, até mesmo o “interesse claramente entendido” dos utilitaristas são todas fantasias metafísicas que não levam a nada. Eles representam o louvável desejo da mente humana de querer explicar tudo, querer chegar ao fundo das coisas, e poderiam ser aceitos como hipóteses provisórias para futuras pesquisas, se não fossem, na maioria dos casos, a tendência humana de nunca querer admitir ignorância e preferir explicações prolixas sem conteúdo factual para simplesmente dizer “eu não sei”.

(I) Consanguinidade é a afinidade por laços de sangue. É o grau de parentesco entre indivíduos com ascendência comum.

Quaisquer que sejam as explicações que alguém possa ou não escolher dar, o problema permanece intacto: é preciso escolher entre amor e ódio, entre cooperação fraterna e luta fratricida, entre “altruísmo” e “egoísmo”.

As necessidades, gostos, aspirações e interesses da humanidade não são semelhantes nem naturalmente harmoniosos; muitas vezes eles são diametralmente opostos e antagônicos. Por outro lado, a vida de cada indivíduo é tão condicionada pela vida dos outros que seria impossível, mesmo supondo que fosse conveniente fazê-lo, isolar-se e viver a própria vida. A solidariedade social é um facto do qual ninguém pode escapar: pode ser livre e conscientemente aceite e, em consequência, beneficiar todos os interessados, ou pode ser aceite quer queira quer não, conscientemente ou não, caso em que se manifesta pela sujeição de um a outro, pela exploração de alguns por outros.

Uma série de problemas práticos surge em nossa vida cotidiana, que podem ser resolvidos de maneiras diferentes, mas não de todas as maneiras ao mesmo tempo; no entanto, cada indivíduo pode preferir uma solução a outra. Se um indivíduo ou grupo tem o poder de impor sua preferência aos outros, eles

escolherão a solução que melhor se adapte aos interesses e gostos, os outros terão que se submeter e sacrificar seus desejos. Mas se ninguém tem a possibilidade de obrigar os outros a agir contra a sua vontade, sempre assumindo que não é possível ou considerado conveniente adotar mais de uma solução, é preciso chegar por concessões mútuas a um acordo que melhor se adapte a todos e ofenda menos os interesses, gostos e desejos individuais.

A história nos ensina, a observação cotidiana da vida ao nosso redor ensina que onde a violência não tem lugar [nas relações humanas], tudo é resolvido da melhor maneira possível, no melhor interesse de todos os envolvidos. Mas onde a violência intervém, a injustiça, a opressão e a exploração invariavelmente triunfam.

O fato é que a vida humana não é possível sem o lucro do trabalho de outros, e há apenas duas maneiras pelas quais isso pode ser feito: seja através de uma associação fraternal, igualitária e libertária, na qual a solidariedade, expressa consciente e livremente, une toda a humanidade; ou a luta de cada um contra o outro em que os vencedores anulam, oprimem e exploram o resto ...

Queremos criar uma sociedade em que os homens se considerem irmãos e por apoio mútuo alcancem o maior bem-estar e liberdade, bem como o desenvolvimento físico e intelectual de todos ...

O homem mais forte é aquele que é o menos isolado; o mais independente é aquele que tem mais contatos e amizades e, portanto, um campo mais amplo para escolher seus colaboradores próximos; o homem mais desenvolvido é aquele que melhor pode e sabe como utilizar a herança comum do homem, bem como as realizações de seus contemporâneos.

Apesar dos rios de sangue humano; apesar dos sofrimentos e humilhações indescritíveis infligidos; apesar da exploração e da tirania à custa dos mais fracos (em razão da inferioridade pessoal ou social); em uma palavra, apesar da luta e de todas as suas consequências, aquilo que na sociedade humana representa suas características vitais e progressivas, é o sentimento de simpatia, o senso de uma humanidade comum que, em tempos normais, coloca um limite na luta além da qual não se pode se aventurar sem despertar nojo profundo e desaprovação generalizada. Pois o que interfere é a moralidade.

O historiador profissional da velha escola pode preferir apresentar os frutos de sua pesquisa como eventos sensacionais, conflitos em larga escala entre nações e classes, guerras, revoluções, os meandros da diplomacia e conspirações; mas o que é realmente muito mais significativo são os inúmeros contatos diários entre indivíduos e entre grupos, que são a verdadeira substância da vida social. E se alguém examina de perto o que acontece no fundo, nas vidas diárias íntimas da massa da humanidade, descobre-se que, assim como a luta para obter melhores condições de trabalho, a sede de dominação, rivalidade, a inveja e todas as paixões doentias que colocam o homem contra o homem, é também um trabalho valioso, ajuda mútua, troca incessante e voluntária de serviços, afeição, amor, amizade e tudo aquilo que aproxima as pessoas na fraternidade. E os coletivizados humanos avançam ou decaem, vivem ou morrem, dependendo se a solidariedade e o amor, ou o ódio e a luta, predominam nos assuntos da comunidade; de fato, a própria existência de qualquer comunidade não seria possível se os sentimentos sociais, que eu chamaria de boas paixões, não fossem mais fortes que os maus.

A existência de sentimentos de afeto e simpatia entre a humanidade, e a experiência e consciência das vantagens individuais e sociais que derivam do desenvolvimento desses sentimentos, produziu e continua produzindo conceitos de “justiça” e “direito” e “moralidade” que, apesar de mil contradições, mentiras e hipocrisias que servem interesses básicos, constituem um objetivo, um ideal para o qual a humanidade avança.

Essa “moralidade” é volúvel e relativa; varia com os tempos, com diferentes povos, classes e indivíduos; as pessoas o usam para servir seus próprios interesses pessoais e de suas famílias, classe ou país. Mas descartando o que, na “moralidade” oficial, serve para defender o privilégio e a violência da classe dominante, sempre há algo que é de interesse geral e é a realização comum de toda a humanidade, independentemente de classe e raça. A burguesia, em seu período heroico, quando ainda se sentia parte do povo e lutava pela emancipação, tinha gestos sublimes de amor e abnegação; e o melhor entre seus pensadores e mártires teve a visão quase profética daquele futuro de paz, fraternidade e bem-estar que os socialistas estão lutando hoje [1909]. Mas se o altruísmo e a solidariedade estavam entre os sentimentos dos melhores, o germe do individualismo (no sentido de luta entre os indivíduos), o princípio da luta (em oposição à solidariedade) e a exploração do homem pelo homem estavam no programa da burguesia e não podiam deixar de gerar consequências banais. A propriedade individual e o princípio da autoridade,

nos novos disfarces do capitalismo e do parlamentarismo, estavam nesse programa e tinham de conduzir, como sempre foi o caso, à opressão, à miséria e à desumanização das massas.

E agora que o desenvolvimento do capitalismo e do parlamentarismo deu os seus frutos, e a burguesia esgotou todos os sentimentos generosos e o entusiasmo progressivo pela prática da competição política e econômica, reduz-se a ter que defender seus privilégios com força e engano, enquanto seus filósofos não podem defendê-lo contra os ataques socialistas, exceto pela criação, inoportunamente, da lei da competição vital.

[1]Consanguinidade é a afinidade por laços de sangue. É o grau de parentesco entre indivíduos com ascendência comum.

Biblioteca Anarquista



Errico Malatesta
Ajuda Mútua: Um Ensaio
1909

theanarchistlibrary.org

bibliotecaanarquista.org